

PENALIDADE MÁXIMA: O FUTEBOL EM (DIS)CURSO

Luiz Felipe Goulart de Sousa Bezerra¹
Marco Antonio Almeida Ruiz²

Resumo

O futebol é um dos esportes mais populares no mundo; possui, no seu entorno, uma forte influência midiática, não só fazendo referência ao campo esportivo, mas também mobilizando um grande capital econômico por meio de grandes negociações financeiras. Assim, este artigo tem como objetivo compreender esse espaço de discurso como um ambiente de resistência, ainda tímido, mas importante contra o racismo e a homofobia. Nosso objetivo, com isso, é analisar a emergência de tais sentidos preconceituosos que são gerados e criados por uma memória social histórica que dissemina o ódio. Logo, o campo, espaço do jogo, por exemplo, não se torna mais apenas uma reprodução da memória singular de união, espírito de comemoração, mas ocupa, também, um lugar de dizer quando se transforma em um palco de movimentação social ou conjunto de manifestações de resistência contra a disseminação de estereótipos marcadamente racistas e homofóbicos. Com base na análise do discurso francesa, buscamos observar a emergência dessa resistência por meio de acontecimentos de linguagem, utilizando-nos dos conceitos de memória e acontecimento de Michel Pêcheux (2010).

Palavras-chave: Discurso, Futebol, Memória, Racismo, Homofobia.

Abstract

Football is one of the most popular sports in the world. As a sport, it comprehends not only a powerful media influence regarding the sports field, but also fomenting a large economic capital through huge financial negotiations. Thus, this article aims to understand this space of discourse as an environment of resistance, still timid, but important against racism and homophobia. Taking into consideration these aspects, our point in this article, therefore, is to analyse such prejudiced meanings that are casted and created by a historical social memory which spreads hate. Therefore, the football field, the space game, for instance, no longer becomes a mere reproduction of a

¹ Graduando em Letras: Português pela Universidade Federal de Goiás e membro do Grupo de Estudos de Teorias do Discurso, o GETED. E-mail: luizbezerra@discente.ufg.br.

² É professor adjunto na área de Linguística e Língua Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e doutor em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris (EHESS). Realizou estágio de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP). É bacharel em Linguística pela UFSCar e licenciado em Letras (Português e Inglês) pela UNIFRAN. Coordenador do Grupo de Estudos de Teorias do Discurso (GETED). E-mail: marcoalmeida@ufg.br.

singular memory of union, singularity and celebration. It also becomes a place where social movements are in the spotlight. Moreover, many examples of resistance demonstrations against the spread of racist and homophobic stereotypes takes places in the football field. Based on French speech analyses, we seek to observe the emergency of this resistance through language events, considering Michel Pêcheux (2010) concepts of memory and archive.

Keywords: Discourse, Football, Memory, Racism, Homophobia.

1 INTRODUÇÃO

O futebol é uma das atividades esportivas mais conhecidas no mundo; no Brasil, por sua vez, torna-se uma das práticas mais amadas, onde encontramos diversos times nas suas respectivas subdivisões e torcedores, cada um carregando suas bandeiras como símbolos da admiração pelo time do coração. Nesse cenário, bastante diversificado e plural, nosso país está, ainda, entre o conjunto de seleções premiadas do mundo, uma vez que traz consigo o orgulho de possuir as cinco estrelas de campeonatos, títulos importantes que reconhecem a sua trajetória de vitórias; logo, é a única equipe a obter resultados tão promissores em todas as últimas décadas. Tal marca histórica é temida por várias seleções estrangeiras e, com isso, acaba sendo fonte de observação de muitas comissões internacionais como forma de também proporcionar as técnicas necessárias para um futebol de excelência e qualidade.

Ademais, esse setor é responsável por mobilizar todo ano muitos eventos, jogos e negociações milionárias que acabam proporcionando discussões e movimentando toda a mídia e o mercado esportivo do planeta. Não há um só jornal, rede social ou tabloides que não comentem algum fato novo ligado ao futebol. Em nosso país, por exemplo, há telejornais específicos para isso, perfis que marcam explicitamente esse campo de atuação profissional, abordando todos os assuntos de um esporte tão querido. Graças à sua história tradicional, vemos um cenário plural culturalmente, que congrega diferentes povos que torcem juntos por um só time, em busca de uma vitória marcante.

Todavia, essa ideia de um espaço da diversidade cultural, nos últimos anos, tem se distanciado da verdadeira prática nos últimos jogos, nas diversas partes do mundo. Ou seja, cada vez mais a união das nações em comemoração a essa pluralidade tem se transformado num cenário de “guerra de palavras”, de ideologias, substituindo o afago

e o espírito esportivo compartilhado por uma dúzia de xingamentos e linchamentos. Nesse caminho, cada vez mais, palavras e expressões misóginas, homofóbicas e racistas têm aparecido nesse ambiente, modificando todo o histórico popular desse esporte e transformando-o num verdadeiro espaço hostil e campo de batalha, ratificando um estigma arraigado e preconceituoso contra determinados povos e culturas. É o caso de encontrarmos palavras – “macaco”, por exemplo – associadas à história escravagista de muitas nações. No caso brasileiro, um dos últimos países a abolir a escravidão, essa palavra, associada à banana atirada ao campo³, ofende não só uma pessoa, mas toda a sua comunidade e cultura que sentiu (e, infelizmente, ainda sente) na pele a dor do racismo que destruiu suas famílias, seus antepassados.

Portanto, do movimento eufórico das emoções e dos sentimentos criados no âmbito do futebol, símbolo nacional da união, vemos uma transgressão de sentidos sendo ressignificados negativamente quando tais palavras e imaginários são (re)trazidos e marcados no campo de jogo, desestabilizando esse fator positivo do esporte, herdado como fruto de pacificação entre os povos, para apartar povos simplesmente pela cor da pele. Tais discursos de ódio e violência geram por si só diversas polêmicas ligadas à nossa história de formação social, promovendo, desse modo, discussões e problemáticas sociais importantes de serem (re)visitadas, independentemente do setor social.

Diante do exposto, nosso objetivo neste artigo é analisar tais sentidos preconceituosos que são gerados com tais ações e estigmatizações por meio do discurso esportivo, em especial envolvendo o futebol. O campo, como espaço de jogo, a nosso ver, não se torna mais apenas uma reprodução da memória singular, mas também é palco de uma movimentação social, ou um conjunto de manifestações de resistência, contra a permanência e a disseminação de estereótipos marcadamente racistas e homofóbicos. Para esta empreitada, o material de pesquisa é composto por alguns recortes de redes sociais, em especial o Instagram, que trazem casos de racismo e homofobia e que

³ Recentemente, vimos casos de torcedores arremessarem cascas de banana ao campo, um ato racista e preconceituoso que desqualifica os jogadores negros e os colocam num lugar historicamente marcado, retomando já-ditos. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/outros-esportes/assessor-de-vini-jr-acusa-seguranca-de-ter-mostrado-banana-para-ele-antes-de-jogo-da-selecao/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

redesenham o sentido inicial do mundo do futebol – da euforia da pluralidade – para um cenário de luta contra o preconceito de raça e orientação sexual.

É por meio de nossos recortes que compreendemos como esse espaço esportivo adquire outros sentidos além do tradicional, um esporte de tradição, adquirindo valor e importância como um ambiente que não só (re)diz esse sentido plural, mas também refrata a resistência contra o preconceito, isto é, como forma de ressignificar sua história e seu imaginário social, que sempre atualizam os sentidos estigmatizados por meio de uma triste herança escravista e patriarcal presentes na história social. Mais especificamente, nosso *corpus* compõem-se por imagens de redes sociais que circularam durante a copa do mundo de 2022, no Qatar, acerca da censura e da homofobia e os discursos gerados a partir do caso do jogador brasileiro, Vinicius Junior⁴, numa partida na Espanha, em 2023, e sua repercussão mundial, observando as regularidades desses discursos a partir de suas emergências. Ambos os casos permitem-nos observar os deslocamentos de sentidos e os novos interditos criados e reconfigurados a partir de novos dizeres que instanciam o campo, o espaço físico do futebol, como lugar de resistência.

2 DISCURSO E(M) MEMÓRIA: POR UMA RESSIGNIFICAÇÃO DA HISTÓRIA NA VOZ DO CAMPO E DO FUTEBOL

O futebol tem uma ligação forte com o povo, em especial o Brasil, tratado como uma das atividades mais tradicionais no mundo. Diante desse grande prestígio, seria pouco provável que tal ligação não gerasse nenhum tipo de influência no âmbito social, uma vez que as torcidas organizadas, por exemplo, estão envolvidas diretamente nesse cenário comemorativo e fazem, cotidianamente, coro (ou não) às vozes que emergem nos diversos casos de preconceito já notificados. Ou seja, é por meio da torcida e de seus

⁴ O atleta brasileiro de futebol profissional Vinicius Junior, uma das maiores estrelas do futebol mundial, sofreu diversos ataques racistas na Espanha, país em que ele reside por defender o clube espanhol Real Madrid, durante partidas em diversas cidades contra variados clubes espanhóis. Com isso, Vini Jr., como é chamado, tem se tornado uma das maiores figuras na luta antirracista no mundo. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2023/11/20/nao-finja-que-nao-ve-vini-jr-lanca-campanha-e-realiza-acoes-contra-o-racismo.ghtml>. Acesso em: 09 Jan. 2024.

jogadores que todo esse cenário discursivo irrompe promovendo, ou não, a estabilização de estigmas sociais e, infelizmente, diante dos últimos acontecimentos, não se trata mais de pensar apenas num ambiente de descontração e prazer, mas um palco de ressignificação que discursiviza contrariamente estigmas históricos e marcantes: o racismo, a homofobia e a misoginia.

Assim, tais estigmas, cada vez mais presentes nesse âmbito esportivo, configuram as raízes de uma sociedade ainda presa aos tabus, ratificando uma segregação contrária aos princípios originários de um esporte que é considerado tão acessível e popular. Infelizmente, as redes sociais têm se tornado um ponto central de questões e reivindicações para tais episódios lamentáveis. Com os movimentos sociais e lutas feministas, vimos como certos imaginários sobre a mulher têm assumido contornos bastante diferentes, sobretudo de luta incansável contra os discursos separatistas e de ódio. Por ser bastante popular e predominantemente masculino, as mulheres nunca receberam o merecido reconhecimento por também fazerem parte desse universo discursivo e, somente agora, após várias copas mundiais e diante de várias circunstâncias de luta e resistência, elas têm adquirido uma representação relevante no esporte, ainda tímido se o compararmos com o cenário masculino, mas que possibilita abrir novos horizontes de reconhecimento e aceitação social⁵. É por meio dessas ocorrências do discurso em meio às suas diferentes materializações que veremos como uma memória se ressignifica diante desse preconceito latente que assola não só as mulheres, mas também a todo tipo de preconceito, a saber: censura, homofobia e misoginia.

⁵ Após os Jogos Olímpicos de Paris, ocorridos entre 26 de julho a 11 de agosto de 2024, o futebol feminino adquiriu contornos significativos e marcantes, as meninas elevaram ainda mais a categoria feminina, ganhando a medalha de prata do torneio. Marta e suas companheiras fizeram um verdadeiro espetáculo em campo, ressignificando interditos, deslocando estigmas negativos criados historicamente pela sociedade brasileira. Vale destacar que os jogos de Paris, em 2024, de uma maneira geral, foram bastante representativos, em especial para a delegação brasileira que teve, na sua história, o maior número de mulheres atletas que já participou de um torneio mundial. Rebeca Andrade (ginástica artística), Beatriz Souza (judô) e Ana Patrícia e Duda (vôlei de praia), por exemplo, são alguns dos nomes de mulheres fortes e guerreiras que fazem essa nova história se ressignificar no campo do esporte, ressignificando estereótipos utópicos e gerando novos dizeres de um espaço que é plural e diversificado. Disponível em: <https://www.cob.org.br/comunicacao/noticias/protagonismo-feminino-marca-participacao-brasileira-nos-jogos-olimpicos-paris-2024-e-evidencia-trabalho-especial-do-cob-8>. Acesso em: 19 ago. 2024.

Michel Pêcheux (2010), filósofo e pioneiro nos estudos da análise do discurso francesa, em sua obra, *Papel da memória*, faz uma melhor apresentação do conceito de memória a partir de um conjunto de reflexões que foram apresentadas durante o colóquio *História e Linguística* em 1983. Nas suas problematizações, o autor questiona o modo como os efeitos de sentidos são gerados, despregando-se de uma visão conteudista vigente nos estudos de língua(gem) da época e proporcionando uma nova perspectiva discursiva de trabalho, que tem como objetivo ressignificá-los a partir das novas condições de produção dos discursos e suas materializações. Nunes (2010), na introdução da obra, instaura um conjunto de indagações acerca da memória na produção discursiva, vejamos:

O que é produzir memória? Como a memória se institui, é regulada, provada, conservada, ou é rompida, deslocada, restabelecida? De que modo os acontecimentos – históricos, mediáticos, culturais – são inscritos ou não na memória, como eles são absorvidos por ela ou produzem nela uma ruptura? (Nunes, 2010, p. 7).

De acordo com Pêcheux, não podemos interpretar a memória atrelando-a ao sentido psicologista, enquanto uma “memória individual”, mas é preciso que observamos seus sentidos a partir do “entrecruza[mento] da memória mítica, da memória social [que é] inscrita [nas diversas] práticas, e da memória construída do historiador” (Pêcheux, 2010, p. 50). Desse modo, trata-se de inscrever um certo acontecimento num espaço de memória que irrompe por meio de certas condições de produção de discursos. Além disso, é preciso considerarmos que a cada reflexão que geramos a partir da memória, a retomamos de uma forma diferente, com certa particularidade, propondo, com isso, novas discussões e problematizações teóricas por meio de cada nova observação e trabalho de leitura com o *corpus* de pesquisa.

Com efeito, considerando os trabalhos do autor, o interdiscurso é tomado como um lugar em que constituem diferentes sequências discursivas, formulações que são produzidas como possibilidades do dizer de um sujeito falante que se inscreve a partir de sua relação social, ideológica e histórica. Ou seja, é preciso transformar a memória em discurso, atribuindo uma certa coerência às declarações e às formulações efetivamente elaboradas no eixo do intradiscurso (Orlandi, 2002).

Ao tratarmos da memória, na esteira dos estudos discursivos, podemos dizer que ela é a responsável por ligar-se ao conjunto de tudo que já foi dito numa relação com *o todo complexo com o dominante*, isto é, parte-se de um conjunto de interditos que são recuperados e ressignificados conforme a instância do sujeito que se coloca na/pela língua. Assim, o interdiscurso configura-se como “algo [que] fala’ sempre antes, em outro lugar e independente” (Pêcheux, 2014, p. 149) e que é capaz por instaurar sentidos outros no interior de formações ideológicas (FI), que são responsáveis por um certo “assujeitamento” do sujeito (o ideológico) no discurso. Vejamos o recorte de nosso *corpus*:

Figura 1 @Midianinja, 23/11/22⁶



Figura 2 @debora_d_diniz, 29/11/22⁷



Fonte: Instagram

A copa do mundo de 2022 foi um evento bastante peculiar no cenário mundial. Realizada num espaço regido pelos costumes e tradições árabes, foi marcada pelos discursos preconceituosos, em que vemos uma forte repressão às mulheres em lugares públicos, restringindo-as e estigmatizando-as a partir do seu “lugar” social, “do lar”, e propriedade do marido, além da proibição da liberdade e da diversidade sexual, marcados por um machismo arraigado, conferindo liberdade apenas aos mais ricos e chefes empresariais. O mundial serviu como uma amostragem de discursos que ainda

⁶ Disponível em: <https://midianinja.org/opinia-o-que-a-copa-do-mundo-em-um-lugar-como-o-catar-nos-ensinou/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

⁷ Disponível em: <https://midianinja.org/opinia-o-que-a-copa-do-mundo-em-um-lugar-como-o-catar-nos-ensinou/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

reiteram uma cultura patriarcal e conservadora da parte oriental na contemporaneidade e que já não condizem com os direitos adquiridos e avanços, ainda tímidos, mais importantes da sociedade, em especial a esses grupos minoritários como as mulheres, homossexuais e negros. Vimos, assim, como o mundo recebeu não só um evento internacional e famoso, que na teoria celebra a diversidade dos povos, mas também a forma como o futebol serviu como lugar de ressignificação de sentidos utópicos e arcaicos diante de uma sociedade (ocidental, sobretudo) que reconhece (embora, muitas vezes, forçosamente) certos direitos garantidos de grupos minoritários. Com efeito, observamos a própria contradição criada diante da discursivização sobre a diversidade de um torneio mundial e o fechamento cultural de um país que ainda não estima a paridade entre gêneros, não reconhece a diversidade e prega valores ultrapassados que só retomam interditos segregacionistas num mundo globalizado, que não mais os aceita.

Diante de uma memória recuperada pelo interdiscurso, isto é, da diversidade e do acolhimento entre as noções como reflexo dos jogos, o que se pôde verificar com esses discursos foi a possibilidade de novas configurações cenográficas, colocando o campo e o futebol como espaços de discursivização da resistência, remodelando uma memória antiga restrita ao campo esportivo e transformando-a em novo acontecimento de linguagem, que retoma o já-dito esportivo e o transfere ao campo social, político e econômico. Ou seja, não se trata mais apenas de juntar nações em busca de uma comemoração mundial de um título, mas confere a esse “lugar” discursivo uma nova instância de dizer que ressignifica o futebol como um ambiente capaz de resistir ao fundamentalismo ainda pregnante, que ainda dita uma cultura atrelada ao preconceito.

Logo, na figura 1, vemos a seleção alemã numa foto oficial divulgada antes de seu jogo inaugural da copa de 2022 no Qatar. Com as mãos sobre a boca, os jogadores protestaram contra o conservadorismo exacerbado do país e das constantes violências cometidas a grupos minoritários ou que violassem os direitos humanos. Foi uma atitude tomada após as várias polêmicas com o órgão que representa o futebol mundial, a FIFA⁸,

⁸ Diante do maior espetáculo esportivo do planeta, a seleção alemã masculina de futebol realizou uma ação inusitada, todos os jogadores taparam suas bocas com suas próprias mãos, a fim de provocar uma reflexão sobre a alta censura que ocorria no país da Copa do Mundo, o Qatar. O protesto cumpriu com o seu objetivo incomodando bastante as autoridades qataris e

impedindo que qualquer manifestação fosse feita durante os jogos. Em relação à segunda imagem, vemos um torcedor que invadiu o campo carregando uma bandeira representativa do movimento LGBTQIAPN+, mais uma forma discursivizada que traduz esse novo acontecimento à realidade contemporânea. Ambas as figuras, aos seus gestos, transmitem um novo intradiscurso ao campo esportivo ressignificando toda a constituição e a história impregnada por estigmas sociais.

Vimos, com isso, que o torneio mundial, o campo e o futebol não se tornaram apenas um palco da diversidade, mas um verdadeiro púlpito de discursivizações, capazes de retratar a luta e a (des)identidade de um povo que ainda sofre com o conservadorismo extremo e repressivo. Não só na figura de jogadores importantes e reconhecidos mundialmente, mas também na voz de um sujeito que corporifica toda a comunidade, o “desconhecido” conhecido, observamos como essa discursivização transporta ao campo e ao futebol traços de um novo acontecimento de linguagem que redefine um já-dito, como resultado, toda a memória presente na constituição histórica desse ambiente esportivo. Não é só jogar futebol, representar na teoria a diversidade cultural, mas é resistir a discursos que ainda persistem numa realidade mundial estigmatizada e preconceituosa.

Diante das duas imagens, observamos uma certa regularidade que nos permite problematizar esse novo acontecimento, que ressignifica a memória discursiva que criamos desses fatos que são recorrentes no social. Não só de ordem esportiva, mas política e social, observamos tais novas representações de sentidos emergindo por meio da corporificação da resistência nas novas condições de produção, que possibilitam pensarmos numa nova configuração social que se expande a outros setores e ordem da sociedade, por exemplo, o futebol. Num país em que o casamento homoafetivo é proibido, o espaço de resistência composto pelo acontecimento reconfigura as novas instâncias de memória, fazendo-a com que ressignifique não só o esporte, mas a forma como ele se assume diante de uma sociedade, de suas práticas, reverberando a outros

servindo de exemplo para outras seleções e atletas realizarem, também, seus respectivos protestos. Além disso, veio à tona o questionamento de que se a FIFA, que constantemente se diz uma entidade que está fortemente vinculada às lutas e causas sociais, escolheu o Qatar como país sede de uma Copa, será que realmente há o interesse no cenário esportivo e social, ou também há, acima de tudo, um interesse financeiro?

setores da sociedade: o social, o político, o econômico. Jogadores, campo e o próprio esporte adquirem uma nova instância do dizer que ressignifica “o todo complexo com o dominante”, reformulando imaginários sociais e estabelecendo novos ditos no interior do intradiscurso.

Outro caso bastante polêmico é o racismo ainda fortemente presentes nas arquibancadas no mundo afora. Dos vários casos que já ocorreram, o mais marcante foi do jogador brasileiro Vinícius Junior, quando em campo, representando seu time na liga europeia numa cidade espanhola, foi vaiado e chamado de “macaco”. Esse imaginário escravagista é associado a um passado nada glorioso de muitos países que usaram os negros como mão de obra escrava e os reduziam a nada por terem seus aspectos físicos e fisiológicos diferentes dos brancos dominantes, de reis e/ou rainhas da época. O racismo está presente em todo setor e esfera e representa o que é de pior de cada sociedade que ainda o ratifica por meio do ódio e da violência. Vejamos:

Figura 3 @Midianinja, 07/06/23⁹

Figura 4 @Midianinja, 27/11/23¹⁰



Fonte: Instagram

⁹ Disponível em: @Midianinja, 07/06/23 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtMsY8Rp6oX/?igsh=MW0oYm1pNDNwbG9uYg==>. Acesso em: 10 dez. 2023

¹⁰ @Midianinja, 27/11/23 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C0KYIXKJNio/?igsh=enY3OGM5ZTlla3Nu>. Acesso em: 10 dez. 2023.

Nas figuras 3 e 4, encontramos um caso de racismo que repercutiu no mundo e trouxe novas instâncias de enunciação que priorizassem a criação de uma lei antirracista. Algo inédito e necessário, trata-se de um movimento que rompe com o imaginário social impetrado e instaura novos dizeres em outros âmbitos para além do esporte, como o político, econômico e social. O caso em que vemos a figura do jogador brasileiro tornou-se protagonismo no combate às discriminações, configurando-o como o rosto desse movimento. Tal situação passou a ser cada vez mais discutida e chegou a ocupar outros espaços, reverberando não só a resistência no campo, mas também a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), por exemplo, que rompeu o imaginário de regras e implementou o projeto, proporcionando que novos efeitos de sentido que resistem ao racismo sejam combatentes do preconceito. Mesmo sendo uma das maiores revelações do futebol brasileiro de toda história, sendo multicampeão pelo Real Madrid, o clube mais vitorioso de toda Europa, sendo fundamental na conquista da décima quarta conquista da Liga dos Campeões da Europa e, hoje, sendo o principal jogador da seleção brasileira, infelizmente, ele ainda está sujeito a sofrer perseguições dentro e fora de campo por não se “enquadrar” aos padrões valorativos definidos por uma parcela da sociedade, a dominante.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o que foi discutido até aqui e a maneira como as análises foram feitas, por meio de observações das regularidades discursivas dos objetos colocados acima, elas permitem que os efeitos de sentido sejam gerados e, nestes casos, sentidos negativos. Observamos como os preconceitos das mais variadas formas são, ainda, frequentes e, também, como eles são perpassados por todos os âmbitos (estádios, campo, redes sociais) e sujeitos envolvidos no esporte (torcedores, jogadores de futebol, comissões técnicas, árbitros).

Notamos, com isso, que o país do futebol, que possui a fama de sempre trazer bons jogadores, craques do esporte e as intensas e apaixonadas torcidas, volta seu esforço apenas no âmbito esportivo e não no desenvolvimento humano e solidário do atleta, que é de extrema importância, já que antes de qualquer sujeito se tornar

esportista ele é, também, um ser inscrito na história de um povo. Havendo essa forma de ignorância, há de ocorrer uma perpetuação de discursos ultrapassados de exclusão e ofensa social.

Ao observarmos as imagens e suas condições de produção, encontramos ainda fortes indícios de um interdito que é ressignificado pela história do esporte, ainda ligada ao machismo fortemente presente em campo. Todavia, ao depararmos com as posições de resistência dos jogadores, da manifestação da diversidade em campo, podemos dizer que o espaço físico, campo de futebol, já adquire novos contornos capazes de resistir ao preconceito, mesmo diante de um conjunto de torcedores ainda ligados ao já-dito racista e machista. O campo adquire novas funções discursivas que não só gera estigmas atrelados à sua história machista, mas reconfigura os novos interditos a partir das novas instâncias enunciativas de resistência, tornando-se palco da “revolução” e de novos (re)dizeres sociais, políticos e econômicos.

A contradição, como apontava Pêcheux (2010) ocorre no e pelo discurso, sabemos que o futebol, por mais que encontramos deslocamentos em suas diversas inscrições na sociedade e suas esferas, ainda possui, predominantemente, valores machistas e estigmatizados, mas, a partir de nossas análises, podemos esperar que novos dizeres sejam possíveis a partir de novas configurações discursivas. O campo assume, nesse novo cenário de enunciação, novas inscrições valorativas que são, cada vez mais, importantes para ressignificarmos esse espaço, tornando-o cada vez mais inclusivo e diversificado.

REFERÊNCIAS

ASSESSOR de Vini Jr. disse que segurança o mostrou banana antes do jogo da Seleção. **CNN Brasil**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/outros-esportes/assessor-de-vini-jr-acusa-seguranca-de-ter-mostrado-banana-para-ele-antes-de-jogo-da-selecao/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

ARAUJO, L. M. B. M. **Política e derrisão em vídeomontagens do YouTube: uma leitura discursiva**. 2011. 117p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de

Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. Disponível em:

<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/5703/3454.pdf?sequence=1>.

Acesso em 20 de mai. 2019.

@deborad_diniz. Sem título. 29 nov. 2022. Instagram. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CljHAK1OHo2/?igsh=MTF1OXlsaXpjZHJqdA==>. Acesso em 10 dez. 2023.

@midianinja. Sem título. 23 nov. 2023. Instagram. Disponível em:

<https://midianinja.org/opiniao-o-que-a-copa-do-mundo-em-um-lugar-como-o-catar-nos-ensinou/>. Acesso em: 10 dez. 2023.

@midianinja. Sem título. 7 jun. 2023. Instagram. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CtMsY8Rp6oX/?igsh=MWo0Ym1pNDNwbG9uYg==>.

Acesso em: 10 dez. 2023.

@midianinja. Sem título. 7 jun. 2023. Instagram. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/C0KYIXKJNio/?igsh=enY3OGM5ZTlla3Nu>. Acesso em: 10 dez. 2023.

NUNES, J. H. Introdução. In: ACHARD, P. (Org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes Editores, 2010.

NÃO FINJA que não vê: Vini Jr. Lança campanha e realiza ações contra o racismo. **G1**.

Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2023/11/20/nao-finja-que-nao-ve-vini-jr-lanca-campanha-e-realiza-acoes-contr-o-racismo.ghtml>. Acesso em: 19 ago. 2024.

ORLANDI, E. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2022.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. (org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso : três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PROTAGONISMO feminino marca participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Paris 2024 e evidencia trabalho especial do COB. **Comitê Olímpico do Brasil.** Disponível em: <https://www.cob.org.br/comunicacao/noticias/protagonismo-feminino-marca-participacao-brasileira-nos-jogos-olimpicos-paris-2024-e-evidencia-trabalho-especial-do-cob-8>. Acesso em: 19 ago. 2024.